

# Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção

Marileila Marques Toledo  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção

Marileila Marques Toledo  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	<p>Ciências da saúde [recurso eletrônico] : teoria e intervenção 1 / Organizadora Marileila Marques Toledo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-011-7 DOI 10.22533/at.ed.117202304</p> <p>1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde – Brasil. I. Toledo, Marileila Marques.</p> <p style="text-align: right;">CDD 362.1</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências Saúde: Teoria e Intervenção” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos, alicerçados teoricamente, para a construção do conhecimento, de forma a contribuir para intervenções transformadoras neste campo.

A intenção do livro é apresentar a pluralidade de teorias e de intervenções de forma didática e útil aos vários profissionais, pesquisadores, docentes e acadêmicos da área da saúde. Trata-se de um compilado de cento e dois artigos de variadas metodologias e encontra-se estruturado em cinco volumes.

Neste primeiro volume estão apresentados 19 capítulos referentes às publicações que englobam temas relacionados às doenças infecciosas, infectocontagiosas e parasitárias, além daqueles relacionados à saúde ocupacional.

Deste modo, esta obra apresenta resultados teóricos bem fundamentados e intervenções realizadas pelos diversos autores. Espera-se que este e-book possa contribuir para uma atuação mais qualificada nas ciências da saúde.

Uma ótima leitura a todos!

Marileila Marques Toledo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DA COBERTURA VEGETAL NA CIRCULAÇÃO DE MALÁRIA EM CINCO MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Livia dos Santos Abdalla Eduardo Krempser Marcia Chame	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A SAÚDE DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DO JETIBÁ- ES: UM ESTUDO SOBRE A ESQUISTOSSOMOSE	
Glauciomar Buss Erica Duarte-Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
ACIDENTES DE TRABALHO COM MATERIAIS PERFUROCORTANTES ENTRE OS MEMBROS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DO PRONTO-SOCORRO E CENTRO CIRÚRGICO DO HOSPITAL REGIONAL DE TUCURUÍ-PA	
Caroline Lima Garcia Brenda Crystina de Araújo Silva José Benedito dos Santos Batista Neto Franck Charles Carvalho da Silva Benedito do Carmo Gomes Cantão Anderson Bentes de Lima Herberth Rick dos Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
AGROTÓXICOS: RISCOS E IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA POPULAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA/ SP	
Fagner Evangelista Severo Aurélio Moschin Maria Cristina Pereira Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE <i>BURNOUT</i> E <i>HARDINESS</i> NA ÁREA DA ENFERMAGEM	
Rodrigo Marques da Silva Laura de Azevedo Guido Cristilene Akiko Kimura Carla Chiste Tomazoli Santos Clezio Rodrigues de Carvalho Abreu Amanda Cabral dos Santos Ana Lúcia Mendonça Santos Ihago Santos Guilherme Mayara Cândida Pereira Osmar Pereira dos Santos Débora Dadiani Dantas Cangussu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023045</b>	

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>49</b>
ANÁLISE DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS E PSICOESTIMULANTES E SEUS EFEITOS SOBRE ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ	
Márcio Luis Velter Filho Giovana Sperandio Emilene Dias Fiuza Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO E VOZ EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE LONDRINA	
Fernanda Prates Cordeiro Caroline Meneses Barrivieira Luciana Lozza de Moraes Marchiori Arthur Eumann Mesas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>71</b>
AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE OSTRAS ( <i>Crassostrea gigas</i> ) <i>in natura</i> DA REGIÃO LITORÂNEA DE SÃO LUIS- MA	
Olivia Andreia Costa Asevedo Gustavo Oliveira Everton Rafael Gustavo de Oliveira Carvalho Júnior Amanda Mara Teles Adenilde Nascimento Mouchrek Victor Elias Mouchrek Filho Laiane Araújo da Silva Souto Mariana Oliveira Arruda Keyson Karlany Silva Ferreira Paulo Victor Serra Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>80</b>
CARACTERÍSTICAS DE PAISAGEM ASSOCIADAS À OCORRÊNCIA DE CARRAPATOS VETORES DE FEBRE MACULOSA BRASILEIRA	
Thiago Bernardo-Pedro Andrea Kill Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1172023049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>93</b>
CONTROLE DE RISCO OCUPACIONAL PARA ANESTESIA HOSPITALAR	
Caroline Jede de Marco Thomas Normanton Guim Martielo Ivan Gehrcke Mário de Castro Magalhães Filho Joseana de Lima Andrades Gustavo Antonio Boff Bruna dos Santos Pires Liliane Cristina Jerônimo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.11720230410</b>	

**CAPÍTULO 11 ..... 103**

MELATONINA E SENESCÊNCIA: EFEITOS IMUNOMODULADORES DURANTE A INFECÇÃO EXPERIMENTAL POR *trypanosoma cruzi*

Vânia Brazão  
Fabricia Helena Santello  
Rafaela Pravato Colato  
José Clóvis do Prado Jr

**DOI 10.22533/at.ed.11720230411**

**CAPÍTULO 12 ..... 117**

MENINGITE MENINGOCÓCICA: PRINCIPAIS ASPECTOS

Lenara Pereira Mota  
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas  
Rafael Everton Assunção Ribeiro da Costa  
Andréa Pereira da Silva  
Denilson de Araújo e Silva  
Hisla Silva do Nascimento  
Verônica Moreira Souto Ferreira  
Andre Luiz Monteiro Stuani  
Raimundo Nonato de Freitas Moreira Junior  
Aline Maria Rocha de Araújo  
Amanda Freitas de Andrade  
Hudson Lima Piastrelli  
Rai Pablo Sousa de Aguiar  
Palloma Parry Carneiro  
Francilene Vieira da Silva Freitas  
Sâmia Moreira de Andrade  
Janaina de Oliveira Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.11720230412**

**CAPÍTULO 13 ..... 123**

PERFIL MICROBIOLÓGICO DE CARNES CAPRINAS COMERCIALIZADAS EM CARUARU-PE

Agenor Tavares Jácome Júnior  
Gabrielle Yasmim Duvaisen Vasconcelos Gomes  
Adriana Karla de Lima Brito

**DOI 10.22533/at.ed.11720230413**

**CAPÍTULO 14 ..... 133**

PREVALÊNCIA DE DOR LOMBAR NA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL ESTADUAL

Francisco das Chagas Araújo Sousa  
Nara Karina Sales de Oliveira  
Flavio Ribeiro Alves  
Renan Paraguassu de Sá Rodrigues  
Andrezza Braga Soares da Silva  
Laecio da Silva Moura  
Jefferson Rodrigues Araújo  
Elzivania Gomes da Silva  
André Braga de Souza  
Samara Karoline Menezes dos Santos  
Anaemilia das Neves Diniz  
Kelvin Ramon da Silva Leitão  
Germana de Alencar Maia Luz

**DOI 10.22533/at.ed.11720230414**

**CAPÍTULO 15 ..... 154**

RECEPÇÃO DE CAMPANHAS AUDIOVISUAIS DE SAÚDE NO BRASIL: UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO NO CONTROLE DO *aedes aegypti*

Ádria Jane Albarado  
Ana Valéria Machado Mendonça  
Elizabeth Alves de Jesus  
Natália Fernandes  
Priscila Torres Brito  
Maria Fátima de Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.11720230415**

**CAPÍTULO 16 ..... 170**

REDES VIRTUAIS DE APOIO PARA MÃES DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM MICROCEFALIA

Nathália Soares de Oliveira  
Andresa de Melo Macedo  
Rossana de Vasconcelos Pugliese Vito

**DOI 10.22533/at.ed.11720230416**

**CAPÍTULO 17 ..... 182**

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ANÁLISE DE ÁGUA DO RIO IPOJUCA NA CIDADE DE CARUARU AGRESTE PERNAMBUCANO – PAA

Agenor Tavares Jácome Júnior  
Gabrielle Yasmim Duvaisen Vasconcelos Gomes  
Maria Aduclécia de Lima

**DOI 10.22533/at.ed.11720230417**

**CAPÍTULO 18 ..... 188**

SENTIMENTOS DE MULHERES QUE TIVERAM CRIANÇAS COM MICROCEFALIA

Luana Silva de Sousa  
Fabrícia Araújo Prudêncio  
Jefferson Abraão Caetano Lira  
Amanda Karoliny Meneses Resende  
Jéssyca Fernanda Pereira Brito  
Larissa da Silva Sampaio  
Marcília Soares Rodrigues  
Ananda Carolina Barbosa da Silva  
Maria Rita Dias Sousa  
Camila Isnaide Pimentel Pinheiro

**DOI 10.22533/at.ed.11720230418**

**CAPÍTULO 19 ..... 201**

SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE LAGARTO/SE

Clésio Andrade Lima  
Ana Clécia Alves dos Santos  
Jymmys Lopes dos Santos  
Lucas Souza Santos  
Ricardo Aurélio Carvalho Sampaio  
Dilton dos Santos Silva  
Antenor de Oliveira Silva Neto  
Iara Samir Santana  
Lúcio Marques Vieira Souza

**DOI 10.22533/at.ed.11720230419**

<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>212</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>213</b>

## REDES VIRTUAIS DE APOIO PARA MÃES DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM MICROCEFALIA

*Data de aceite: 02/04/2020*

*Data de submissão: 17/01/2020*

### **Nathália Soares de Oliveira**

Pesquisadora LABESCRI – Laboratório de Estudos da Criança – UNISAÚDE  
Rio de Janeiro- RJ

<http://lattes.cnpq.br/1482954537845436>

### **Andresa de Melo Macedo**

Pesquisadora LABESCRI – Laboratório de Estudos da Criança – UNISAÚDE  
Rio de Janeiro- RJ

<http://lattes.cnpq.br/6178125417034324>

### **Rossana de Vasconcelos Pugliese Vito**

Docente Universidade Estácio de Sá/ Líder LABESCRI – Laboratório de Estudos da Criança – UNISAÚDE

Rio de Janeiro- RJ

<http://lattes.cnpq.br/2758896719484958>

**RESUMO:** As microcefalias constituem um achado clínico de etimologia complexa e multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Considerando o aumento significativo de casos de microcefalia, entre os anos de 2015 e 2016 e a crescente utilização das redes sociais por parte dos pais, como redes de apoio mútuo, o objetivo

dessa pesquisa foi descrever e compreender as variáveis do fenômeno investigado. Na maioria dos casos investigados, as mães são as responsáveis pelos cuidados básicos das crianças e sofrem, junto com seus filhos, por todas as dificuldades encontradas durante o processo de desenvolvimento. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa de caráter descritivo na perspectiva da investigação quali-quantitativa. Utilizou-se como metodologia um questionário online, multidimensional e auto preenchível, o qual foi distribuído para mães de crianças com microcefalia, aleatoriamente, através das redes sociais. Como resultado foi observado que a grande maioria das mães, cerca de 42,6%, tiveram seu primogênito com microcefalia; 77,9% não possuem atividade remunerada; 45,6% dependem do Benefício de Prestação Continuada (BPC) para o sustento da criança com microcefalia; 66,6% enfrentam dificuldades na inserção da criança em atividades escolares; 14,7% raramente sentem confiança nos profissionais de saúde, com isso, frequentemente recorrem as redes virtuais como principal fonte de esclarecimentos e apoio, um resultado significativo de 80,9%. O que nos permite discutir e concluir, que é necessário um olhar especial a essas mães, que em sua maioria são jovens, com baixa escolaridade,

que com o nascimento de um filho com microcefalia percebem-se desamparadas pelo poder público, pelos profissionais de saúde e de educação. Faz-se necessário a criação de políticas públicas, que visem o bem-estar físico e emocional, e priorizem de forma integral, não só as necessidades da criança com microcefalia, mas também dessa mãe, no que se refere à atenção e à promoção de saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** microcefalia; redes sociais de apoio; políticas públicas; promoção de saúde.

## SOCIAL NETWORKS SUPPORT FOR MOTHERS THAT HAVE CHILDREN DIAGNOSED WITH MICROCEPHALY

**ABSTRACT:** The Microcephalies are clinical finding of complex etimology and multifactorial, involving both genetic and environmental factors. The significant increase in microcephaly cases during 2015 and 2016, the growth in use of the social networks by parents and the mutual network support have brought to this research the following framework aim: to describe and understand the variables in the investigated phenomena. In the majority of the cases, the mothers are the only ones responsible for the children's basics. Both the mother and her kids suffer because during the development process many are the difficulties that have to be faced só that the aimed goal can be achieved. In this sense, a descriptive reasearch focused on measuring both quality and quantity was done. A multidimensional and self-filled in online survey methodology was used and distributed, at random, to mothers of children that had microcephaly through the social networks. As a result, it was observed that the great majority of the mothers, around 42,6% had their firstborn with microcephaly; 77,9% do not carry out any gainful occupation; 45,6% depend on the BPC - a benefit extended in the form of continuous compensation – to help support kids with microcephaly; 66%,6 face difficulties in trying to engage children in school activites; 14,7% rarely trust their healthcare professional, for this reason they use the social networks as their main source of clarification and support; a significant result of 80,9%. What let us discuss and conclude that it is necessary to give these mothers some special treatment, who are, in their majority, young, with low education levels, that feel helpless by the Public Authorities, healthcare professionals and educators. Public Policies should be created aiming the physical and emotional well-being, giving full priority, not only to the child with microcephaly but also to the mother with regard to attention and health promotion.

**KEYWORDS:** microcephaly; social networks support; public policies health promotion.

### 1 | INTRODUÇÃO

As microcefalias constituem um achado clínico e podem decorrer de anomalias congênitas ou ter origem após o parto. As de origem congênita são definidas como

alterações de estrutura ou função do corpo que estão presentes ao nascimento e são de origem pré-natal. Já as de origem pós-parto podem ser decorrentes de traumas disruptivos, infecções adquiridas ou contato com toxinas após o nascimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Possuem etimologia complexa e multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Algumas das causas mais comuns são as anomalias cromossômicas, exposições a teratógenos ambientais, doenças metabólicas, bem como por doenças maternas durante a gravidez (LOPEZ-CAMELO *et al*, 2015; MARINHO *et al*, 2016). É imprescindível o conhecimento a respeito do desenvolvimento infantil para que o profissional possa identificar qualquer alteração, que possa vir a aparecer após o nascimento.

A identificação da microcefalia se dá principalmente pela medição do Perímetro Cefálico (PC), procedimento comum no acompanhamento clínico do recém-nascido, visando à identificação de possíveis doenças neurológicas. A medição do PC deve ser feita com fita métrica não-extensível, na altura das arcadas supraorbitárias, anteriormente, e da maior proeminência do osso occipital, posteriormente. A medição pode ser feita ainda intrauterina através do exame de ultrassonografia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Segundo o Protocolo de Vigilância e Resposta à Ocorrência de Microcefalia e/ou Alterações do Sistema Nervoso Central (SNC) publicado em 2016 pelo Ministério da Saúde (MS), o PC é considerado um dado clínico fundamental para a construção do diagnóstico de microcefalia, porém pode levar a inclusão de cérebros com desenvolvimento normal, sendo necessário um acompanhamento multiprofissional até que o caso seja descartado.

No entanto, segundo Brunoni *et al* (2016), a observação da medição do perímetro cefálico comparado com a idade gestacional não é feita em exames de rotina em todas as unidades neonatais. O que abre margem para diagnósticos tardios.

Por recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) os recém-nascidos (RNs) com menos de 37 semanas de idade gestacional, medida menor a menos dois (-2) desvios-padrões, segundo a tabela do Intergrow- 21st (Consórcio Internacional de Crescimento Fetal e Neonatal para o Século XXI), para o sexo e idade gestacional; e o RNs com 37 semanas ou mais de idade gestacional, apresentando medida do perímetro cefálico menor ou igual a 31,5 cm para meninas e 31,9 cm para meninos, equivalente a menor que -2 desvios-padrão devem ser acompanhados por uma equipe multiprofissional capaz de atuar integralmente no desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

O desenvolvimento infantil pode ser definido como um processo multidimensional e integral, que se inicia com a concepção e que engloba o crescimento físico, a maturação neurológica, o desenvolvimento comportamental,

sensorial, cognitivo e de linguagem, assim como as relações socioafetivas. A avaliação desse desenvolvimento abrange marcos importantes, como por exemplo, o padrão motor, no qual espera-se que a criança caminhe por volta dos 12 meses de idade; características individuais; e ainda as sociais, que dizem respeito à comunidade onde ela se encontra inserida (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2016).

Acredita-se que o *zika* vírus afeta o embrião exposto em diferentes períodos da gestação prenunciando um DNPM com alterações significativas. Há um espectro de alterações de diferentes graus, com casos mais graves quando há infecção vertical no 1º e início do 2º trimestre, e casos mais leves, em decorrência de infecção vertical após o 3º trimestre, possivelmente acarretando danos estruturais mais discretos (SCHULER-FACCINI *et al*, 2016; FEITOSA *et al*, 2016).

A criança com microcefalia apresenta uma série de comprometimentos que resultam em um atraso do DNPM. As alterações mais comumente associadas estão relacionadas ao déficit intelectual e a outras condições que incluem epilepsia, paralisia cerebral, atraso no desenvolvimento de linguagem e/ou motor, estrabismo, desordens oftalmológicas, cardíacas, renais, do trato urinário, entre outras (ASHWAL, 2015; FEITOSA *et al*, 2016).

A estimulação precoce (EP) pode ser umas das estratégias utilizadas pelas equipes de saúde para que esta criança consiga atingir o máximo do potencial do desenvolvimento infantil. A EP pode ser definida como um programa de acompanhamento e intervenção clínico-terapêutica multiprofissional com bebês de alto risco e com crianças pequenas acometidas por patologias orgânicas, entre as quais, a microcefalia está inserida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Quanto mais imediata for a intervenção, preferencialmente antes dos 3 anos de idade, maiores as chances de prevenir e/ou minimizar a instalação de padrões posturais e movimentos anormais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Aquisição de linguagem, socialização, estrutura subjetiva, podem ser beneficiadas, podendo contribuir ainda, na estruturação do vínculo mãe/bebê e na compreensão e acolhimento familiar dessas crianças (CUSTÓDIO *et al*, 2014)

No Brasil, durante o período de 2000 a 2014, o número de nascidos vivos com microcefalia apresentou estabilidade. Contudo, entre outubro de 2015 a meados de 2016, observou-se um aumento significativo de notificações de casos de microcefalia, principalmente no estado de Pernambuco, localizado na região nordeste do país, caracterizando a existência de uma epidemia (MARINHO *et al*, 2016).

Essa situação ensejou a realização de pesquisas que associavam o crescente aumento das notificações de microcefalia ao surto de *zika* vírus, transmitido principalmente pelo mosquito *Aedes aegypti*, nesse mesmo período (SCHULER-FACCINI *et al*, 2016; MARINHO *et al*, 2016)

O que podemos observar na recente literatura é que os estudos iniciais investigam prioritariamente a propagação do mosquito, suas causas, os meios de transmissão do vírus e a relação com a microcefalia. Contudo, pouco se lê a respeito do impacto familiar e socioemocional dos pais, da qualidade de vida da criança e dos familiares, principalmente das mães, visto que, culturalmente, a mulher ainda é detentora dos cuidados domésticos e criação, ficando prioritariamente para ela a responsabilidade pelo cuidado à criança com microcefalia. Além da importância da criação de uma rede de apoio, do preparo das equipes de saúde e educação para lidar com esta nova demanda.

Não dispondo de muitas informações na literatura, visto que, o aumento de notificações de casos microcefalia ocorreu entre os anos de 2015 e 2016, gerou-se a necessidade de produções que elucidassem: Qual o perfil socioeconômico dessa mãe? Outros integrantes da família participam ativamente da criação dessa criança? Aos olhos da mãe, as equipes de saúde e de educação estão preparadas para receber essa criança com necessidades específicas? Uma vez que, a principal característica das redes virtuais é a troca de informações em tempo real, assim como, formação de grupos que apresentam alguma identificação em preferências e particularidades. As redes virtuais poderiam ser consideradas uma ferramenta para esclarecimentos e apoio emocional?

Para Custódio *et al* (2014), o nascimento de um filho é uma das situações em que se requer maior adaptação. Ao pensarmos em um bebê que necessita de cuidados específicos, esses espaços virtuais de convivência podem ser um local que facilite essa troca entre familiares.

Desde a década de 90 com a origem da Internet, a conexão entre as pessoas ficou mais fácil, e com isso deu-se origem ao surgimento das Redes Sociais. A Rede Social é uma estrutura que inter-relaciona empresas ou pessoas, que estão conectadas pelas mais diversas relações. Com o passar do tempo, as redes sociais foram ganhando novas configurações e dentre elas, o processo de identificação com seus iguais e conseqüentemente uma organização de suporte psicossocial foi ganhando força.

A característica de informação em tempo real que a rede social possui, também pode ser considerada, um importante agregador da conexão entre essas pessoas. Essa ligação social de caráter virtual deu origem as comunidades, que são espaços virtuais que cada qual se relaciona de acordo com as suas preferências e particularidades.

O que se sabe, é que ao longo da história, movimentos sociais deram origem a muitas leis e políticas que atendessem uma demanda solicitada por um grupo específico de pessoas. Daí a importância desses espaços, que contam com um número expressivo de integrantes com uma particularidade em comum,

possibilitando a promoção de debates que podem vir a ser sugestões de políticas públicas (MARTELETO e SILVA, 2004).

Nesse ponto, existe uma carência expressiva ao falarmos sobre políticas públicas. Por um lado, percebemos pais e responsáveis “famintos” por informações e por outro, pesquisas sendo realizadas, afim de compreender melhor tal fenômeno. E a rede social entra exatamente nesse “*gap*” entre as demandas apresentadas por essas crianças e a criação de novas políticas, que possam assegurar o bem-estar da criança com microcefalia, dos familiares, dos profissionais de saúde e educação e principalmente dessa mãe que muitas vezes é a cuidadora direta da criança com microcefalia.

Assim, o objeto de estudo desta pesquisa é identificar se as mães de crianças diagnosticadas com microcefalia usam as redes virtuais como ferramenta para esclarecimentos e apoio emocional?

Dessa forma, pretende-se discutir e responder o seguinte problema de pesquisa: como as redes virtuais podem contribuir como ferramenta de esclarecimento e apoio emocional entre mães de crianças que possuem o diagnóstico de microcefalia?

A motivação para construção desse projeto derivou da necessidade de se compreender melhor a dinâmica socioemocional de mães de crianças com microcefalia, que muitas das vezes carecem principalmente de informação, apoio psicológico e financeiro.

Neste contexto, buscou-se desenvolver um material teórico, que através de uma pesquisa de caráter descritivo na perspectiva da investigação quali-quantitativa, pudesse nos mostrar como as redes virtuais podem contribuir ferramenta de esclarecimento e apoio emocional entre mães de crianças com microcefalia.

Como objetivos destacamos: compreender a importância de redes virtuais de apoio na dinâmica socioemocional de mães de criança com microcefalia, que muitas das vezes, são as principais detentoras do cuidado dessa criança. Assim como, as principais dificuldades sociais enfrentadas durante todo o processo de desenvolvimento dos seus filhos.

Diante disso, o estudo justifica-se por abordar questões que buscam melhorar a compreensão sobre a importância das redes virtuais na dinâmica sociemocional de mães que criam crianças com diagnóstico de microcefalia. Como também, elucidar questões que abordem as principais dificuldades enfrentadas durante o processo de criação de seus filhos, a fim de, em uma perspectiva ampliada, abrir o debate e contribuir para a formação de políticas públicas quem priorizem os interesses desses indivíduos.

## 2 | MÉTODO

### Participantes

As participantes da pesquisa compõem um grupo de 68 mães, com idade entre 18 e 43 anos. Cerca de 57% são moradoras de cidades da região nordeste do país, seguidas de 19% na região sudeste. As respondentes são mães que se predispuseram a responder o questionário online, disponibilizado em redes sociais. A renda salarial familiar das participantes encontra-se na faixa de um salário mínimo (55,9%) e dois salários mínimos (23,5%), sendo que 7,4% relatam renda inferior a um salário mínimo. Quanto ao grau de escolaridade mais da metade possui o ensino médio completo (62, 2%), 8,8% possui nível superior e 5,9% possui pós-graduação. 42,6% das entrevistadas possui apenas um filho (a), enquanto que 19,1% possui mais de 3 filhos (as).

### Instrumentos

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário online multidimensional e auto preenchível construído pelas autoras, que consta de 19 perguntas fechadas. Esse instrumento foi disponibilizado para 120 mães de crianças com microcefalia em todo o país, através da plataforma Google Docs. Buscou-se, com esse instrumento identificar se as mães de crianças diagnosticadas com microcefalia usam as redes virtuais como ferramenta para esclarecimentos e apoio emocional. Além de, discutir como as redes virtuais podem contribuir como ferramenta de esclarecimento e apoio emocional entre mães de crianças que possuem o diagnóstico de microcefalia. Assim como, as principais dificuldades sociais enfrentadas durante todo o processo de desenvolvimento dos seus filhos.

### Procedimentos

Para a escolha dos questionários analisados foi determinado o seguinte critério: necessário ser mãe biológica ou adotiva de pelo menos uma criança de 0 a 2 anos com diagnóstico de microcefalia definido até a data do preenchimento do questionário, que compreende o período de abril a julho de 2017. Para a coleta de dados, em um primeiro contato, as pesquisadoras preparam um texto de apresentação da pesquisa solicitando o preenchimento do questionário. Os questionários respondidos ficavam automaticamente salvos na plataforma disponibilizada. Todas as participantes foram voluntárias e estavam cientes da utilização dos dados respondidos em questionário.

Os dados foram computados pela própria plataforma Googledocs e serão apresentados abaixo, juntamente com a discussão.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 120 mães abordadas, 68 responderam ao questionário. Foi observado uma média de 28 anos entre as mães voluntárias, além de 66,2% possuir ensino médio completo, uma renda familiar de aproximadamente um salário mínimo e ainda 77,9% das mães encontram-se sem atividade remunerada no momento da pesquisa.

Das mães entrevistadas, 42,6% tiveram seu primogênito com microcefalia congênita e 79,4% das mães desconheciam a existência de microcefalias até o momento da gestação. De fato, no Brasil, o número de nascidos vivos com microcefalia se manteve estável no período de 2000 a 2014. Contudo, em outubro de 2015 a meados de 2016, observou-se um aumento significativo de notificações de casos de microcefalia, principalmente na região nordeste do país, mesma região onde tivemos o maior número de mães respondentes, 57%. Esse aumento expressivo contribuiu para um maior conhecimento e discussão sobre tema.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), foi instituída em 06 de julho de 2015 destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, os direitos e as liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Sendo assim, o estado tem o dever de garantir a saúde a essas crianças, além de uma equipe multidisciplinar para estimulação precoce, direito a educação gratuita e de qualidade, e o direito a exercer sua cidadania como qualquer brasileiro.

Entende-se a EP como uma abordagem de caráter sistemática e sequencial, que utiliza técnicas e recursos terapêuticos capazes de estimular todos os domínios que interferem na maturação da criança, de forma a favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial, linguístico e social, evitando ou amenizando eventuais prejuízos. Ao ser aplicada sistematicamente o desenvolvimento infantil torna-se mais rico e harmonioso visto que existe a plasticidade neural, tão importante e eficiente nos primeiros anos de vida. Fortalecendo as potencialidades da criança suscetível a transformações provocadas pelo ambiente externo. A EP tem, como meta, aproveitar este período crítico para estimular a criança a ampliar suas competências, tendo como referência os marcos do desenvolvimento típico e reduzindo possíveis riscos a sua vida diária e funcional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

No entanto, ainda enfrentamos sérios problemas quando o assunto é acesso a profissionais especializados no assunto. 38,2% das mães relatam que nem sempre elas sentem que os profissionais de saúde estão preparados para atender a demanda de seus filhos e 14,7% raramente se sentem confortáveis quanto a conduta dos profissionais. Vale ressaltar, que entre os anos de 2015 e 2016, o número de notificações aumentou significativamente e os profissionais precisaram

se capacitar rapidamente frente a essa nova demanda. Talvez dessa perspectiva venha o sentimento de profissionais pouco preparados nos consultórios de saúde.

Na inserção escolar os números também não são animadores. 73,7% das mães ainda não procuraram uma rede escolar para matricular seus filhos. 17,3% confirmam que foi difícil a realização da matrícula e menos da metade (8,8%) relatam não terem encontrado problemas nesse processo. Das mães que efetuaram a matrícula 14,7% julgam o ambiente escolar inclusivo, com cadeiras adequadas, utensílios alimentares apropriados e rampas de acesso. 11,8% referiram a presença de mediador durante o turno escolar.

Tão importante quanto o preparo das equipes de saúde e de educação, o apoio familiar é de extrema importância para essa mãe, que culturalmente é a principal detentora dos cuidados domésticos e da criação dos filhos. A chegada de uma criança que requer diferentes demandas e o próprio preconceito ao novo gera muitas das vezes um desconforto familiar. De acordo com as mães participantes, 61,8% consideram que os pais das referidas crianças “sempre” estão dispostos a contribuir com a criação dos menores, 19,1% “as vezes” e 8,8% “nunca”. Quanto a disponibilidade de outras pessoas de confiança para assumir os cuidados da criança por algumas horas nas quais elas precisem se ausentar, 32,4% afirmam “sempre” ter alguém disponível, “as vezes” 20,6%, “quase sempre” 17,6%, “nunca” e “raramente” 14,7%.

Como foi possível ver, há uma complexidade na inserção dessas crianças no meio escolar, assim como disponibilidade de outros cuidadores. Isso dificulta a permanência da mãe em um trabalho formal, fazendo com que a mesma passe a realizar trabalhos informais de preferência dentro da própria casa para que possa ser dividido o tempo entre angariar recursos financeiro e o cuidado ao filho que demanda necessidades especiais. Das 68 mães entrevistadas, apenas 16,2% possui um trabalho formal ou exerce uma atividade autônoma. Mais da metade (54,4%) contam com o apoio financeiro do governo garantido por lei. Daí a importância de políticas que pensem na inserção dessa mãe no mercado de trabalho.

Com o aumento da demanda de atividades devido o nascimento de um filho com microcefalia, muita das vezes o desemprego, e sensação de abandono por parte de familiares e amigos, essa mãe necessita de um trabalho psicossocial intenso. 51,5% afirmam frequentar um espaço de apoio psicológico mediado por um profissional adequado. Outras 39,7% não querem ou não possuem a oportunidade de frequentar um desses espaços e acabam recorrendo as redes sociais, como ferramenta para esclarecimentos e apoio de outros pais de crianças com microcefalia.

No âmbito das redes sociais, o apoio social refere-se aos aspectos qualitativos e comportamentais das relações sociais, que podem ser emocionais, instrumentais,

informativos ou de interação social. Para Sluzki (1997) as relações não compreendem apenas a família nuclear ou extensa, mas os vínculos interpessoais ampliados, como os amigos, os colegas de trabalho ou de estudo e as relações que são estabelecidas na comunidade. Essa organização social favorece a família da criança e seu desenvolvimento social, cognitivo, motor, afetivo. Dentro dos grupos de apoio nas redes sociais percebe-se temas variados, desde a troca de informações com relação a medicamentos e principalmente o apoio emocional.

Como a rede virtual é dinâmica e conta com um número significativo de pessoas não profissionais, as informações que são geradas e modificadas diariamente. Sendo assim, existe uma grande possibilidade de algumas informações compartilhadas não se aplicarem a todos. Por isso, é preciso ter cuidado. As redes sociais não podem ser substituídas por consultas especializadas. Essas atuam como um complemento as redes formais, sendo uma plataforma de trocas de experiências, apoio, acolhimento e identificação de grupo afim. Das mães entrevistadas 80,9% dizem “sempre” fazer o uso das redes sociais a fim de obter dicas, esclarecimentos e apoio de outros pais de crianças com microcefalia, e apenas 2,9% dizem “raramente” se utilizar das redes sociais com esse propósito.

Na década de 60 nos EUA, pesquisas a respeito das redes sociais começaram a ganhar forma, mais propriamente na área de saúde mental. Já nos anos 90 as redes sociais tomaram maiores proporções em diferentes contextos sociais. Serapioni (2005) indica que, nos últimos vinte e cinco anos, as pesquisas têm destacado um papel fundamental da família e das redes sociais no que se refere à atenção e à promoção de saúde.

Culturalmente, a mulher ainda é a principal detentora dos cuidados domésticos e criação dos filhos, ficando prioritariamente para ela a responsabilidade pelo cuidado à criança especial. Das 68 mães entrevistadas, 82,4% não possuem babá e 73,6% das crianças não estão matriculadas em uma creche. Pode-se concluir que o trabalho dessa mãe é intenso e a saúde física e mental da mesma pode estar comprometida. E é aí, que a rede social entra para suprir essa demanda diária como um apoio informal. Muitas mães recorrem as comunidades para desabafar e trocar experiências com outras mães que passam ou passaram por situações semelhantes.

O nascimento de uma criança com necessidades especiais, transforma a vida da família e sobretudo dessa mãe que sonhou, planejou e idealizou um filho com demandas ditas comuns, já conhecidas pela maioria das pessoas. As comunidades acabam agregando um número de pessoas com uma mesma demanda facilitando essa sensação de unidade e conseqüentemente de conforto emocional.

Custódio *et al* (2014) ressaltam que as mães com uma rede social mais consistente, e que podem, portanto, ter suas necessidades emocionais atendidas,

tendem a solicitar mais apoio para elas mesmas, bem como manter uma interação mais sensível com o bebê. De acordo com Sluzki (1997), nessas comunidades há uma relação de empatia, estímulo e apoio estabelecidos através de amizades íntimas e de relações familiares significativas.

Desta forma, as redes sociais que começaram como uma ferramenta para dar maior visibilidade a pessoas famosas e da alta sociedade, hoje, apresentam novos arranjos e dentre eles, o processo de identificação de iguais pode ser considerado um forte elo psicossocial entre as famílias e além disso, um espaço rico em informações instantâneas a profissionais, a fim de, compreender um pouco mais sobre as particularidades dessa nova demanda social.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que é necessário um olhar especial as mães de crianças com microcefalia, que geralmente são as principais detentoras do cuidado. É necessário a criação de políticas que visem a inserção das mesmas no mercado de trabalho e o aprimoramento de políticas voltadas para o cuidado em saúde, não só da criança, como da mãe.

Não menos importante, um planejamento voltado para a educação infantil capaz de suprir as necessidades desse grupo populacional. Estas crianças não podem ser privadas do direito a educação gratuita e de qualidade, e de exercer sua cidadania como qualquer brasileiro. Neste contexto, precisamos de ações urgentes, visto que, a grande maioria das crianças diagnosticadas com microcefalia no período do surto do *Zika* vírus estão completando recentemente a idade de inserção escolar.

As redes virtuais agregam um número significativo de pessoas com uma mesma demanda facilitando essa sensação de unidade e conseqüentemente de conforto emocional. Ressaltamos que mães que possuem uma rede social mais consistente, tendem a solicitar mais apoio para si, e também uma interação mais sensível com a criança com microcefalia.

Por fim, pesquisas que abordem essa temática precisam ser cada vez mais incentivadas, visto que as redes sociais vêm como um importante indutor social, possibilitando a promoção de debates que podem vir a ser sugestões de políticas públicas. Assim como, o destaque ao bem-estar físico e emocional, no que se refere à atenção e à promoção de saúde da mãe e da criança com microcefalia.

#### REFERENCIAS

ASHWAL S, *et al.* **Practice parameter: Evaluation of the child with microcephaly (an evidence-based review): report of the Quality Standards Subcommittee of the American Academy of Neurology and the Practice Committee of the Child Neurology**

**Society. Neurology.** 2009. Disponível em: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=2744281&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo de vigilância e resposta à ocorrência de microcefalia e/ou alterações do sistema nervoso central (SNC).** Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes de estimulação precoce: crianças de zero a 3 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor.** Brasília, DF, 2016.

BRUNONI, D *et al.* **Microcefalia e outras manifestações relacionadas ao vírus Zika: impacto nas crianças, nas famílias e nas equipes de saúde.** Ciênc. Saúde Coletiva vol.21 no.10 Rio de Janeiro Oct. 2016.

CUSTÓDIO, Z.A.O *et al.* **Redes sociais de apoio no contexto da prematuridade: perspectiva do modelo bioecológico do desenvolvimento humano.** Estudos de Psicologia, Campinas, 31(2), 247-255, abril - junho 2014.

FEITOSA, I.M.L *et al.* **Aspectos importantes da Síndrome da Zika Congênita para o pediatra e o neonatologista.** Boletim Científico de Pediatria - Vol. 5, N° 3, 2016.

MARINHO, F *et al.* **Microcefalia no Brasil: prevalência e caracterização dos casos a partir do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinasc), 2000-2015.** Epidemiol. Serv. Saúde, vol.25, n.4, pp.701-712, 2016.

MARTELETO, R.M; SILVA, A.B.O. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local.** Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 3, p.41-49, set./dez. 2004.

LOPEZ-CAMELO, J.S *et al.* **Buenos Aires: Estudio Colaborativo Latino Americano de Malformaciones Congénitas.** 2015. Disponível em: <http://www.eclamc.org/descargas/6>. DocumentoECLAMCFinalV3.docx

SCHULER-FACCINI, L *et al.* **Possível associação entre a infecção pelo vírus zika e a microcefalia – Brasil, 2015.** US Department of Health and Human Services/Centers for Disease Control and Prevention. 65(3); 59–62. January 29, 2016

SERAPIONI, M. **O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais.** Ciência & Saúde Coletiva, 10 (sup): 243-253, 2005.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas.** Casa do Psicólogo, São Paulo, 1997.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agrotóxicos 36, 37, 38, 39, 40, 41

*Amblyomma sculptum* 80, 81, 85, 86

Anestesiologia 93, 96, 97, 98, 101, 102

Antidepressivos 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64

### B

Bactéria 74, 81, 118, 119, 120, 121

Biodiversidade 1, 2, 3, 6, 8, 9

Bromatologia 183

*Burnout* 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 95, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211

### C

Campanhas públicas 154

Carne 123, 124, 125, 126, 131

Carrapatos 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 92

Coliforme 132, 183

Comunicação em Saúde 154, 155, 156, 157, 158, 160, 166, 167, 168

### D

Determinação da Personalidade 43

Disfonia 65, 67, 69

Doença Meningocócica 118, 119, 122

### E

Educação 11, 19, 40, 41, 42, 50, 64, 71, 78, 95, 99, 117, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 166, 167, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 180, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Educação física 201, 202, 204, 205, 211

Envelhecimento 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110

Equipe de enfermagem 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 133, 137, 139

Esgotamento Profissional 43, 208, 211

Estresse 34, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 62, 63, 64, 65, 94, 95, 96, 103, 104, 106, 110, 111, 201, 203, 204, 205, 208, 210

Estudantes de Ciências da Saúde 43

## F

Febre maculosa brasileira 80, 81, 89

## I

Impactos antrópicos 1, 3, 8

Infecção 20, 77, 82, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 160, 173, 181, 190, 191, 199

## L

Legislação 38, 72, 73, 76

## M

Material biológico 28, 29

Maternidade 189, 190, 191, 193, 194, 200

Meio Ambiente 19, 24, 38, 39, 82, 97, 182, 183, 184, 187

Melatonina 103, 104, 106

Microbiologia 72, 74, 132

Microcefalia 155, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

## O

Ostra 71, 72, 74, 79

## P

Pesquisa qualitativa 155, 168, 191, 199

Políticas públicas 10, 12, 18, 38, 171, 175, 180

Pomerano 11 12

Produtores de banana 36, 38, 39

Professor 10, 14, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 65, 69, 202, 203, 204, 210

Promoção de saúde 136, 171, 179, 180, 184

Pseudomonas aeruginosa 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 182, 183, 185, 186

Psicoestimulantes 49, 50, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 62, 63, 64

## Q

Qualidade de vida 15, 47, 52, 136, 144, 157, 174, 189, 198, 202

Qualidade do sono 47, 54, 55, 63, 64, 65, 67, 68, 69

Qualidade vocal 65, 68, 69

## R

Redes sociais de apoio 171, 181

Resposta imune 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111

Risco ocupacional 93

Rodas de conversa 154, 155, 158, 159, 160, 162, 163

## S

Salmonella spp 75, 79, 123, 124, 125

Saneamento Básico 10, 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 164

Saúde do trabalhador 28, 35, 44, 47, 94, 151

Saúde humana 2, 36, 37, 38, 39, 73, 100

Segurança hospitalar 93

*Staphylococcus* 72, 75, 77, 79, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131

## T

Transtornos Traumáticos Cumulativos 134

*Trypanosoma cruzi* 104, 105, 112, 113, 114, 115

## Z

Zoonoses 1, 2

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**